

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

MARINA XAVIER DE MIRANDA POMPEU

O desamparo na atualidade e  
a resposta pelo ato infracional

Belo Horizonte  
2012

MARINA XAVIER DE MIRANDA POMPEU

O desamparo na atualidade e  
a resposta pelo ato infracional

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Dra. Riva Satovschi Schwartzman

Belo Horizonte

2012

## AGRADECIMENTOS

Expresso meus agradecimentos:

Aos professores do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, em especial à professora Riva Satovschi Schwartzman, pela cuidadosa orientação oferecida na elaboração do presente trabalho e pela marcante transmissão acerca da importância de sustentarmos a metapsicologia nos espaços de cunho social em que a psicanálise é convidada a contribuir.

Também em especial aos professores Ana Cecília de Carvalho e Guilherme Massara Rocha, pelas contribuições que orientam a continuidade desta pesquisa.

À Anna Paula Mendes, pelo acolhimento e dedicação dispensados na construção deste trabalho.

Ao Valteir, pelas colaborações.

Aos colegas que se tornaram próximos durante o caminho pela busca do saber acerca da psicanálise.

À minha família, pelo amparo.

Ao Daniel, por ser companheiro nas escolhas que marcam uma trajetória.

## RESUMO

O termo *Hilflosigkeit* designa o estado ou a condição de alguém que se encontra sem ajuda, desamparado. Ao longo da construção da metapsicologia freudiana, constatamos que Freud não considerou o *desamparo* como um conceito nitidamente definido, mas o apresentou como uma noção, que se articula a outros conceitos fundamentais de sua teoria. No presente estudo, o desamparo será abordado a partir de um momento inicial da vida do bebê até o encontro com a cultura, destacando o elemento de insuficiência inerente ao ser humano, para que tenhamos subsídios para a discussão acerca do desamparo do sujeito adolescente autor de ato infracional. O ponto inaugural do desamparo aparece na teoria freudiana como o estado de imaturidade psicomotora do recém-nascido humano e, diante disso, a alteridade é inserida na vida do bebê por meio da oferta de cuidados. Na medida em que o recém-nascido é resgatado do lugar de desajuda pelo outro, este passa a ser o primeiro objeto de amor. Esse encontro provocará consequências para a vida do bebê, como a sexualidade e todas as suas vicissitudes. O desamparo mantém relação direta com os arranjos de funcionamento da sociedade de cada época e denuncia a posição trágica ocupada pelo sujeito no mundo moderno, que se funda sobre a coerção e sobre a renúncia das pulsões. Na atualidade, a pobreza subjetiva produzida arremessa o sujeito a um estado de desamparo avassalador. Os adolescentes em conflito com a lei, diante da dor do adolescer e do sofrimento proveniente dos contextos familiar, social e subjetivo, poderão denunciar o desamparo por meio do ato infracional.

Palavras-chave: Desamparo, psicanálise, atualidade, adolescente, ato infracional.

## ABSTRACT

The term *Hilflosigkeit* appoints to one's state or condition of helplessness or abandonment. Throughout the construction of Freud's Metapsychology, it has been certified that Freud did not consider *helplessness* as a clearly defined concept, although he presented it as a notion, which is related to other fundamental concepts of his theory. In this study, helplessness is approached from the first moment of an infant's life to the encounter with culture, highlighting the insufficient element inherent to the human being, so one can have subsidy for the discussion about the helplessness of a young individual who commits a criminal offense. The starting point of helplessness appears in Freud's theory as the immature psychomotor state of a newborn infant and, in the face of that, alterity is inserted in the infant's life through care offer. As the newborn is rescued from the place of carelessness by the other, this other becomes the first object of love. This encounter will bring consequences to the infant's life, such as sexuality and its entire vicissitudes. Helplessness keeps close relation with the arrangements of societies of each era, and denounces the tragic position occupied by the individual in the modern world, which is based in coercion and renunciation of one's drives. Subjective poverty produced nowadays drastically places the individual into an overwhelming state of helplessness. The adolescent in conflict with the law, as he faces the agonies of reaching adolescence and the suffering originated from its familiar context, might denounce helplessness through criminal offense.

Keywords: Helplessness, psychoanalysis, present days, adolescent, criminal offense.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 O desamparo como fundamento do sujeito na metapsicologia freudiana.....</b>	<b>11</b>
1.1 Do inaugural ao infindável registro do desamparo na subjetividade.....	11
<b>CAPÍTULO 2 O desamparo do sujeito no campo social.....</b>	<b>20</b>
2.1 O desamparo e as ilusões modernas.....	22
2.2 A subjetividade contemporânea e a negação do desamparo.....	27
<b>CAPÍTULO 3 O desamparo e o ato infracional do sujeito adolescente.....</b>	<b>31</b>
3.1 O desamparo do sujeito adolescente.....	32
3.2 O ato infracional como resposta ao desamparo no mundo contemporâneo.....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

A discussão acerca do desamparo sugere um encontro com a condição de insuficiência do ser humano, que o acomete por meio da própria finitude, da incontrolável força da natureza e do difícil encontro com a alteridade. O termo desamparo encontra-se articulado aos conceitos fundamentais da teoria psicanalítica e foi trabalhado por Freud como um estado que acompanha o ser humano durante a vida, revelando sempre a fragilidade humana.

O interesse pela investigação acerca deste tema surgiu em função do percurso de trabalho que se iniciou em uma política pública voltada para a prevenção de homicídios entre jovens e, posteriormente, no trabalho com adolescentes autores de atos infracionais que cumprem medida socioeducativa.<sup>1</sup> Por meio dos encontros com os jovens envolvidos com a criminalidade, e até mesmo de desencontros propiciados pelas precoces mortes de alguns, o trabalho aponta que há algo do sofrimento do sujeito que resta de forma incontornável, e sobre o qual a política pública não tem alcance. A pesquisa sobre o desamparo tece um esclarecimento acerca desse mal-estar, causado na prática desse trabalho.

A prática de trabalho no espaço da política pública, orientada pela psicanálise, exige voltar atenção à singularidade de cada sujeito, contrapondo-se ao trabalho da política pública, que oferta atendimento de forma universal e igualitária. Para além do olhar que somente acusa e estigmatiza, existe outra

---

<sup>1</sup> No programa de controle de homicídios “Fica Vivo!” — realizado pela Secretaria Estadual de Defesa Social —, a experiência de trabalho com jovens de 12 a 24 anos, envolvidos com a criminalidade, acontecia na própria comunidade, em locais instituídos pelo Estado, ou pelo próprio tráfico de drogas. Após essa experiência, o encontro com os jovens aconteceu pela execução das medidas socioeducativas de Liberdade Assistida — executada pela Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social — e Semiliberdade — exercida pela Secretaria Estadual de Defesa Social. Estas são duas das seis medidas socioeducativas aplicadas aos adolescentes em conflito com a lei, entre 12 e 18 anos, estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8.069/1990). De acordo com o ECA, considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal, sendo aplicada a medida socioeducativa que leve em consideração as circunstâncias e a gravidade da infração, além da capacidade do adolescente de cumpri-la. Apesar de inimputáveis penalmente, os adolescentes são responsáveis pelos seus atos, sendo que a aposta do trabalho na medida socioeducativa passa pela responsabilização jurídica e subjetiva. Somando-se à experiência de trabalho, a participação na pesquisa científica intitulada “A construção do laço social de jovens moradores de territórios com alto índice de criminalidade violenta”, coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Andréa Guerra, contribuiu para o estudo acerca da temática dos jovens envolvidos com a criminalidade.

maneira de perceber esses jovens, que se torna possível quando há interesse por suas histórias de vida e pelos contextos que os cercam, na busca do encontro com a singularidade do sujeito no ato praticado. Esse é um pressuposto na prática do trabalho que visa à responsabilização do adolescente, o qual, ao ser chamado a responder à ordem judicial, poderá produzir algo particular que desperte para uma mudança nos aspectos de sua vida. Na prática dos atendimentos, a escuta é ofertada, mas a dificuldade do adolescente com a palavra anuncia que o desamparo se faz presente. A partir dessas reflexões, questiona-se se o fato de o adolescente, em certo momento, responder por meio do ato infracional, e não pelo endereçamento da palavra ao outro, seria um anúncio do estado de desamparo. Muitas vezes, o silêncio antecipa o ato infracional. Esses adolescentes trazem marcas e cicatrizes no corpo que denunciam um desamparo desmedido, pois não é somente a insuficiência intrínseca ao ser humano que se faz presente, mas fragmentos de histórias de vidas traçadas por precoce abandono, rejeição, violência, enfim, elementos que fragilizam o sujeito subjetivamente para experienciar as fases da vida, como a adolescência.

Para prosseguir na pesquisa orientada por tais questões, recorrer-se-á às contribuições psicanalíticas acerca do desamparo. Ao longo da construção da metapsicologia freudiana,<sup>2</sup> constata-se que Freud não considerou o *desamparo* como um conceito nitidamente definido, mas o apresentou como uma noção, que se articula a outros pontos fundamentais de sua teoria. Apesar de não ter sido realizada uma formalização, a importância do *desamparo* foi reconhecida a partir de sua referência constante na psicanálise e vem ocupando um campo cada vez mais importante: “*emergindo* quase que por si só, do cerne de certas questões teórico-clínicas das mais decisivas — tais como a teoria da angústia — que exigiam formulações cada vez mais agudas e mais especificamente metapsicológicas” (Pereira, 2008, p. 126).

---

<sup>2</sup> De acordo com *Dicionário de Psicanálise* (Roudinesco & Plon, 1998), o termo metapsicologia foi criado por Freud em 1896, com o intuito de qualificar o conjunto de sua concepção teórica e distingui-la da psicologia clássica. A abordagem metapsicológica consiste na elaboração de modelos teóricos que não estão diretamente ligados a uma experiência prática ou a uma observação clínica; ela se define pela consideração simultânea dos pontos de vista dinâmico, tópico e econômico (Roudinesco & Plon, 1998, p. 511).



A tradução e a análise morfológica da palavra é um recurso que contribui para a problematização do desamparo. Conta-se com a indicação de Pereira (2008), que retoma o trabalho dos responsáveis pela tradução francesa das *Obras Completas* de Freud,<sup>3</sup> e comenta:

A análise dessa palavra deixa aparecer em primeiro plano o elemento *Hilf*, que tem relação direta com o verbo *helfen* (ajudar) e com o substantivo *Hilfe* (ajuda). A partícula *los* indica a falta, ausência completa desse primeiro elemento, a ajuda. Assim, o adjetivo *Hilflos* qualifica aquele que está “sem ajuda”, “desarmado”, “que é incapaz de se sair bem por si mesmo”. Por outro lado, o sufixo *ig* marca a adjetivação e a terminação *keit* faz da palavra um substantivo indicando um estado ou qualidade. (p. 128)

Dessa forma, o termo *Hilflosigkeit* significa o estado ou a condição de alguém que se encontra sem ajuda, desamparado.

Laplanche e Pontalis (1994) utilizam um termo composto, *estado de desamparo*, de forma a destacar a maneira como Freud enfatizou o sentido de um estado essencialmente objetivo. Este ponto inaugural do desamparo aparece na teoria freudiana como o estado de imaturidade psicomotora do recém-nascido humano, em uma conotação objetiva. Entretanto, durante o desenvolvimento da metapsicologia freudiana, o desamparo vai ganhando outras elaborações. Freud chega a ponto de fazer da impotência psicomotora do bebê o protótipo do *desamparo* fundamental, a partir do qual se desdobra uma série de vicissitudes na subjetividade no encontro com a alteridade.

Esta elaboração do desamparo na teoria freudiana será analisada no primeiro capítulo do presente trabalho, com base na ideia de que o desamparo é infundável e impossível de ser remediado. Freud partiu da vivência inaugural do desamparo na incapacidade psicomotora do recém-nascido para, posteriormente, retomar e reelaborar questões cruciais, como os fundamentos da teoria acerca das pulsões e da angústia, da constituição do supereu e do funcionamento do masoquismo.

No segundo capítulo, o desamparo será abordado no âmbito da cultura, problemática considerada a marca importante da leitura de Freud acerca do sujeito inserido na modernidade, de forma que ressalta a inevitável desarmonia

---

<sup>3</sup> Bourguignon, A.; Cotet, P.; Laplanche, J. & Robert, F. *Traduire Freud*, pp. 94-95.

dos laços sociais. A discussão fará um percurso desde o desamparo na modernidade até a atualidade, questionando sobre as saídas encontradas pelo sujeito contemporâneo diante de seu próprio desamparo e as marcas do funcionamento do mundo atual nessa construção. Assim, pretende-se apresentar o desamparo na perspectiva da falta de garantias inerentes à condição humana, pois, quando Freud questiona a origem da religião e de outras criações da cultura, é o desamparo que aparece em primeiro plano, fazendo, desde sempre, que a humanidade busque por frágeis e até mesmo penosas soluções.

O terceiro capítulo levantará a discussão sobre o *desamparo* que acomete o sujeito adolescente — em especial, o autor de atos infracionais —, enfatizando as vivências típicas dessa fase. A adolescência envolvida com o ato infracional é um fenômeno complexo, atravessado por aspectos históricos, sociais e subjetivos. A partir da relação entre o desamparo e o ato infracional, o tráfico de drogas ganha ênfase nessa discussão, que atravessa questões do sujeito, evidenciando sua fragilidade nos contextos familiar e social, advinda, principalmente, da travessia da adolescência.

O presente trabalho buscará a compreensão do estado de desamparo que acomete o sujeito, desde um momento inaugural, até o encontro com a cultura. A fim de colaborar na discussão do fenômeno de jovens envolvidos com a criminalidade, o olhar a ser lançado priorizará a condição do sujeito que produz um ato infracional como denúncia da dor psíquica que o invade e marca sua trajetória de vida.

## CAPÍTULO 1

### O desamparo como fundamento do sujeito na metapsicologia freudiana

O reconhecimento do desamparo pela teoria psicanalítica aconteceu em função da constatação da fragilidade do sujeito, registrada por Freud desde o início de sua obra. O discurso freudiano localizou o aspecto do desamparo no fundamento do sujeito, a partir da corporeidade, das ameaças da natureza e do impacto gerado pelo encontro com a alteridade. Neste capítulo, percorrer-se-ão textos selecionados da metapsicologia freudiana, nos quais se abordará desde a vivência inicial do bebê desamparado até a inevitável e recorrente vivência de desamparo do sujeito ao longo de sua vida.

#### 1.1 Do inaugural ao infindável registro do desamparo na subjetividade

O desamparo é apresentado inicialmente por Freud como o estado de impotência vivenciado pelo recém-nascido humano frente à sua impossibilidade de satisfazer, sozinho, as necessidades essenciais para a preservação de sua vida. A construção teórica psicanalítica a esse respeito já aparece no “Projeto para uma psicologia científica” (1895),<sup>4</sup> em que Freud busca descrever o funcionamento do aparelho psíquico, denominado, nesse artigo, de sistema nervoso.

Nessa ocasião, Freud (1895) afirma que “a intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição” (p. 347). Observa-se que a primeira apresentação do desamparo acontece numa linguagem biológica, na qual o outro desempenha importante papel na sobrevivência do bebê.

Como descreve Freud (1895), o aparelho psíquico é composto por alguns sistemas e suas correspondentes classes de neurônios, sendo atingido a todo momento por um fluxo de energia, derivado de estímulos externos e excitações endógenas. Em psicanálise, o prazer e o desprazer estão relacionados à

---

<sup>4</sup> A fim de tornar mais leve a leitura, optou-se por referenciar todos os textos de Freud apenas pela data da publicação do original. As referências completas das traduções das obras de Freud utilizadas constam ao final deste trabalho.

quantidade de excitação presente na vida psíquica, sendo que o aumento de excitação resultaria no desprazer, e a diminuição, em prazer.

Nesse momento da construção teórica, o Princípio da Inércia neuronal é apontado como o regulador do aparelho psíquico, que teria como meta a descarga total de excitações. Nota-se, no entanto, que esse Princípio, em sua busca pelo estado de repouso, seria rompido em seu funcionamento pelos estímulos endógenos:

À proporção que [aumenta] a complexidade interior [do organismo], o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático — os estímulos endógenos — que também têm que ser descarregados. Esses estímulos se originam nas células do corpo e criam as grandes necessidades: como, respiração, sexualidade. Deles, ao contrário do que faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se (...). (Freud, 1895, p. 349)

Nessa lógica, o sistema nervoso seria obrigado a abandonar sua tendência original à inércia, devido ao fato de o organismo necessitar de um acúmulo suficiente de energia para satisfazer as exigências do apelo à vida. Assim, o Princípio de Inércia é substituído por Freud (1895) pelo Princípio de Constância, o qual buscaria manter a quantidade de energia no nível mais baixo possível e constante.

Freud (1895) salienta que o apaziguamento da excitação produzida pelo estímulo endógeno exige uma *ação específica*, considerada a única forma de alcançar o resultado de descarga das excitações internas. A particularidade da ação específica está no fato de ela poder ser realizada somente por agentes do mundo externo. O bebê sozinho seria incapaz de produzir tal ação, que é efetuada somente pela ajuda do outro, quando a alteridade reconhece o desamparo do bebê. Laplanche e Pontalis (1994) abordam a ação específica, explicitando que, para que se realize,

é indispensável a presença de um objeto específico e de uma série de condições externas (fornecimento de comida no caso da fome). Para o lactente, dado o seu desamparo original, o auxílio exterior torna-se a condição prévia indispensável à satisfação da necessidade. (pp.4-5)

Assim, são atribuídos elementos mais complexos à vivência do desamparo, que revelam o esforço do bebê em alcançar a descarga de excitações, circunstância que inclui necessariamente outro ser humano em sua tentativa de amparar o bebê, por meio da ação específica. De acordo com Menezes (2008), “O fato de o bebê precisar de um outro para dar conta de suas próprias necessidades, do ponto de vista psíquico, implicará uma série de vicissitudes na vida do sujeito, como por exemplo, a gênese da sexualidade e de todos seus efeitos” (p. 34).

A intervenção adequada para se obter o efeito de descarga das excitações internas, como nos aponta Freud (1895), “requer a alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), que, como *ação específica*, só pode ser promovida de determinadas maneiras” (p. 370). Essa forma de descarga apresenta importantíssimas funções ao introduzir a presença do outro na vida do bebê. Primeiramente, exerce a função secundária de instrumento para a comunicação, pois o grito do bebê, expressão do estado de tensão, receberá uma interpretação atribuída pelo outro. Além disso, tal como aponta Freud (1895), o desamparo inicial dos seres humanos é considerado a fonte primordial de todos os motivos morais.<sup>5</sup>

Freud (1895) pontua que a consequência da repetição da ação específica executada pelo outro em benefício do bebê desamparado é o oferecimento de uma vivência de satisfação. Laplanche e Pontalis (1994) ressaltam que a satisfação passa a ficar associada à imagem do objeto que a proporcionou e, quando a tensão reaparece, esse estado é chamado por Freud de urgência ou de desejo: a imagem do objeto é reinvestida e produz uma alucinação. Nessa fase precoce da vida, o bebê não está preparado para distinguir entre realidade e alucinação, e o investimento demasiado intenso na imagem do objeto é capaz de produzir o mesmo impacto que uma percepção. Quando essa ativação alucinatória do objeto provoca uma ação reflexa, a consequência inevitável é o desapontamento.

O conjunto dessa experiência, que constitui a base do desejo, envolve tanto as vivências de satisfação, quanto de desprazer, nas quais está presente

---

<sup>5</sup> Gabbi Junior (2003) aponta para a crença de Freud em um naturalismo ético, uma vez que Freud não determina o que levaria alguém a auxiliar uma criança desamparada, mas a moralidade é introduzida como motivo.

tanto a satisfação real, quanto as alucinações. A procura por uma satisfação real, que só alcança o objetivo parcialmente em um modelo de alucinação primária, faz com que o desejo surja em um campo no qual antes havia somente desamparo e impotência. A função do outro, no processo do desamparo inicial, correspondia às necessidades vitais do recém-nascido, porém, nessa nova conjuntura, a função do outro está além da ordem biológica, e a vivência do desamparo está revestida com um novo elemento: a pulsão (*Trieb*).

O termo *Trieb* tem sua origem como noção energética, quando Freud faz a distinção entre as excitações provenientes do mundo exterior e as de dentro do organismo. As excitações internas manteriam um impacto constante que o organismo não consegue evitar, diferentemente do estímulo externo, sendo essa a força motriz do aparelho psíquico. A pulsão, em seu aspecto fronteiro entre o somático e o psíquico, é assim apresentada por Freud (1915):

Se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a “pulsão” nos aparecerá como um conceito — limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo. (p. 148)

Essa exigência de trabalho, exercida por uma pressão, insere o psíquico em um circuito pulsional, evento que pode ser associado ao que foi apresentado anteriormente: a procura do desamparado pela descarga das excitações endógenas, fato que lhe concede a almejada satisfação. Nesse aspecto, o desamparo motor encontra expressão no desamparo psíquico. Ao deslocar a ênfase do biológico para o psíquico, a partir do conceito de pulsão, pode-se pensar que o corpo em psicanálise está menos voltado para o aspecto somático e mais para o corpo pulsional, este compreendido como recepção da sexualidade introduzida pela alteridade. É a ligação primordial com o outro que permite a futura constituição do sujeito pela força pulsional. Sem o grito do desamparado e o trabalho do outro, a pulsão e a sexualidade infantil não existiriam.

O trabalho teórico de Freud acerca do conceito de pulsão resulta, já na década de 1920, na segunda teoria pulsional, a qual propõe o conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte. A pulsão de vida serve de apoio à experiência de satisfação, enquanto que a pulsão de morte buscaria a descarga total de energia como obediência ao Princípio de Inércia, colocando em risco a ordem e a vida. A partir de 1920, as descobertas relacionadas à pulsão de morte ganham destaque na metapsicologia freudiana. Foi com base na observação da compulsão à repetição de experiências, mesmo quando dolorosas, que Freud constatou os efeitos da pulsão de morte e passou a teorizá-la. Tais repetições, de ordem inconsciente, manifestadas em sonhos, brincadeiras infantis, relações afetivas, levaram Freud a assumir a hipótese de que realmente existe no funcionamento psíquico uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio de prazer. Diante da constatação de que a regência da pulsão de morte se faz presente desde a origem do ser, conclui-se que a vida é algo a ser conquistado e que exige a participação de um outro, o qual, à medida que volta seu olhar para o bebê — mas que, em algum momento, também o retira —, deixa marcas na sua subjetividade.

O desamparo, presente desde os primórdios da vida do sujeito, tem na angústia o afeto que o acompanha. Como esclarece Hanns (1996), o termo *Hilflosigkeit* é carregado de intensidade e expressa um estado próximo do desespero e do trauma, sendo, portanto, associado à angústia, que surge como resposta a um estado de perigo. Freud (1926) aponta que a angústia será reproduzida sempre que outra experiência de perigo se repetir. A experiência do nascimento pode ser considerada prototípica de todas as situações de angústia vividas pelo ser humano ao longo da vida, na medida em que essa experiência comporta uma enorme carga de excitação libidinal, incontrolável para o aparelho psíquico do bebê. Assim, para Freud, em última instância, a angústia funda-se sobre a *Hilflosigkeit*.

A essência do perigo consiste, como aponta Freud (1926), no julgamento que o sujeito faz em relação à sua própria força em comparação com a dimensão do perigo e na sua experiência de desamparo diante desse perigo. O desamparo físico acontece diante de um perigo real; já o desamparo psíquico, diante de um perigo pulsional. A angústia, produto do desamparo

mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico, pode ser considerada a reação original ao desamparo no trauma. Após a situação de perigo, a angústia será reproduzida como um sinal de busca por ajuda. Sopesando a existência do caráter de expectativa em relação à situação de perigo e a falta de objeto ligada à situação traumática, sendo essas as características da angústia, Freud (1926) considera que o sujeito que puder prever a ocorrência de uma situação traumática, que acarreta desamparo, terá avançado em sua capacidade de autopreservação. A angústia seria o sinal de que o desamparo estaria por vir, a expectativa de um trauma, assim como uma repetição dele em forma mais acentuada.

A observação da história da vida do sujeito leva à constatação de que ocorrem deslocamentos na fonte do desamparo. Se, no princípio, o desamparo revelava a impotência do ser humano para controlar de forma autônoma as excitações advindas de um mundo interno e externo, em um segundo momento, esse sentimento ocorrerá diante da iminência da perda do objeto, que, pela oferta de cuidados e amor, foi capaz de resgatar o sujeito do lugar de desajuda. O objeto, que é considerado como a única forma de proteção contra qualquer vivência do desamparo, passa a ter um alto valor para a criança, que, diante da falta dele, se reencontrará em condição de desamparo ante o aumento de excitação pulsional. Como diz Freud (1926),

Quando a criança houver descoberto pela experiência que um objeto externo perceptível pode pôr termo à situação perigosa que lembra o nascimento, o conteúdo do perigo que ela teme é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação, a saber, a perda de objeto. É a ausência da mãe que agora constitui o perigo, e logo que surge esse perigo a criança dá o sinal de ansiedade, antes que a temida situação econômica se estabeleça. (p. 136)

A renúncia pulsional, em nome das exigências impostas pelo mundo social, aponta para a articulação entre o desamparo e o complexo de Édipo, no perigo a partir da ameaça de castração. Na angústia de castração está implicado um processo de perda, de separação do objeto, e Freud (1926) completa:



O significado da perda de objeto como um determinante da ausência se estende consideravelmente além desse ponto, pois a transformação seguinte da ansiedade, a saber, a ansiedade de castração, que pertence à fase fálica, constitui também medo da separação e está assim ligada ao mesmo determinante. Nesse caso, o perigo de se separar dos seus órgãos genitais. (p. 138)

O processo de separação, que ocorre por meio da privação do acesso ao objeto, é promovido pela função paterna, lei que opera possibilitando à criança o acesso ao simbólico. Esse percurso permitirá à criança exercer um controle sobre o objeto perdido, efetivado em função de uma renúncia pulsional. A tolerância ao contínuo processo de desamparo ao longo da vida somente é possível se anteriormente foi permitido ao sujeito perder o objeto de amor, e essa perda o liberta do ideal de garantia oferecido pelo outro e possibilita o acesso ao recurso simbólico. Assim, o sujeito terá maior possibilidade para confrontar-se com o desamparo oriundo do estado de finitude, da solidão, do inatingível, do inominável do resto pulsional.

Freud (1926) observa que o progresso que a criança alcança em seu desenvolvimento, “sua crescente independência, a divisão mais acentuada do seu aparelho mental em instâncias, o advento de novas necessidades” (p. 138), não deixa de exercer influência sobre o conteúdo da situação de perigo. Assim, o supereu é considerado o “herdeiro do complexo de Édipo”, instância que rege a angústia de castração, a qual evolui para angústia moral, elemento fundamental para a entrada do sujeito na cultura. A transformação final pela qual passa o medo do superego é considerada por Freud (1926) o medo da morte, que é um medo do supereu projetado nos poderes do destino, e nesse ponto o desamparo revela-se ao sujeito por meio do terror à própria finitude.

Para Freud, o psiquismo se constitui sobre um terreno de desamparo, que diz respeito à falta de garantias a respeito do viver e de seus horizontes. O registro do desamparo na subjetividade é fundante e acompanhará o sujeito perpetuamente, diante da impossibilidade de simbolizar o excesso pulsional. A teorização de Freud acerca do masoquismo, e a problematização do desprazer de origem pulsional, contribui para a compreensão do desamparo. No ensaio

sobre o masoquismo,<sup>6</sup> Freud (1924) revela a trama que entretetece este ao conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte. Reconhecer a existência da pulsão de morte, uma modalidade de pulsão caracterizada pela falta de representação e que não está inscrita no circuito de satisfação mediado por um objeto, dispõe os elementos de base para que se possa pensar na posição do sujeito na condição de desamparo. O que determina essa posição subjetiva de desamparo é o convencimento de que ela é insuperável, não havendo recursos que sejam suficientes para ultrapassá-la.

Nesse contexto, Freud (1924) questionou o primado do Princípio do Prazer, que tem como objetivo estabilizar os estímulos presentes no aparelho psíquico, para, em seguida, enunciar a excelência do Princípio de Nirvana, no qual afirma a existência do movimento inicial do organismo humano para a morte e não para a vida. Assim, a pulsão de morte teria dois destinos: direcionada ao mundo externo, passaria a atuar como pulsão de destruição, pulsão de apoderamento ou como vontade de exercer poder; a outra parcela, dirigida ao mundo externo, mas a serviço da função sexual, seria o sadismo. Laplanche e Pontalis (1994) ressaltam que

a noção de pulsão de morte faz da tendência para a destruição, tal como se revela, por exemplo, no sadomasoquismo, um dado irreduzível; é a expressão privilegiada do princípio mais radical do funcionamento psíquico e, por fim, liga indissolivelmente, na medida em que é “o que há de mais pulsional”, qualquer desejo, agressivo ou sexual, ao desejo de morte. (p. 413)

Mesmo existindo formas de lançar para fora a pulsão de morte, um resto fica fixado no interior do organismo, sendo essa parcela fixada denominada de masoquismo original e erógeno,<sup>7</sup> no qual o objeto a ser investido é o próprio

---

<sup>6</sup> Em “O problema econômico do masoquismo” (1924), Freud busca por uma teoria definitiva para o masoquismo e apresenta três formas para seu funcionamento: erógeno, feminino e moral.

<sup>7</sup> Freud (1924) apresenta duas outras formas de masoquismo constituídas a partir do masoquismo erógeno, sendo eles o masoquismo feminino e o masoquismo moral, que contêm em si o sentimento de culpa e se expressam por meio de fantasias masoquistas. O masoquismo feminino diz respeito à fantasia de se colocar em posição feminina, na qual a diferença sexual não está em jogo. No conteúdo manifesto das fantasias masoquistas se insere um sentimento de culpa, e é neste momento que se deriva a terceira forma de masoquismo: o moral. É o sentimento de culpa que representa a manifestação do masoquismo moral.

corpo. Além disso, o sadismo ou a pulsão de destruição, em algum momento, poderá retornar ao interior do organismo, resultando em um masoquismo secundário que se somaria ao masoquismo original.

No âmbito do desamparo, o sujeito se encontra submetido à pressão constante de forças pulsionais, que transbordam no excesso por não ser possível subjetivar toda essa carga. Em função disso, ele é impelido a construir um circuito pulsional, compondo um campo de objetos capazes de oferecer uma possível satisfação e, além disso, construir representações para os excessos pulsionais. Todo esse processo de desprazer se apresenta de forma constante e renovada, uma vez que a pulsão é uma força ininterrupta. Como completa Birman (2005), “é o vazio e o abismo que estão permanentemente sob seus pés, num vórtice tempestuoso que pode engoli-lo a qualquer momento, pois a morte o espreita com sua face tenebrosa e hedionda em todos os instantes” (p. 43).

O trabalho percorrido até este ponto anuncia a fragilidade da organização psíquica do sujeito, ante a impossibilidade de completa subjetivação da pulsão. O perigo do desamparo ajusta-se ao momento inicial da constituição do sujeito, como o medo da perda do amor, a angústia de castração, o medo do supereu e o medo da morte, que persistem ao longo da trajetória de cada um. Esses elementos que apontam para a finitude e falta de garantias são como espinhos para o sujeito inserido na cultura, e, diante disso, pode-se questionar a forma como o sujeito, atravessado por questões da atualidade, lida com o desamparo. Essa questão será abordada no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2

### O desamparo do sujeito no campo social

O desamparo mantém relação direta com os arranjos de funcionamento da sociedade de cada época. Pode-se pensar que na Viena de Freud, no século XIX, a inibição e a repressão impostas ao sexual atuavam ativamente no conflito psíquico daquela sociedade, que renunciava às satisfações pulsionais para o bem-estar comum. A fonte de mal-estar situava-se no eixo do conflito entre satisfação e renúncia. Já na atualidade, a fonte de mal-estar é de outra ordem, pois os valores que anteriormente foram responsáveis por assegurar os limites hoje são colocados em xeque. A liberdade em excesso e o afrouxamento de referenciais consomem a segurança do sujeito, e, nessa lógica, o desamparo toma maiores proporções para um sujeito que se vê solto demais, a ponto de “perder o chão”.

Na discussão sobre a vivência do sujeito no âmbito do social, Birman (2006) chama a atenção para a relação entre modernidade<sup>8</sup> e modernismo, que, além de caracterizar os eixos cruciais da história do século XX, possibilita localizar a psicanálise nesse cenário. O advento da modernidade representou o centramento do sujeito no eu e na consciência, sendo o discurso da ciência o direcionador da busca pela verdade, substituindo progressivamente os discursos filosófico e teológico. O ideário dessa época passa a ser a individualidade, que propicia um funcionamento de sociedade notavelmente narcísica, desencadeando algumas transformações, como “a ênfase posta sobre a razão científica e sobre o indivíduo, que não vacilam em se associar ao *mal* e se contrapor à ordem do sagrado em nome da autonomia e da soberania sobre o mundo” (Birman, 2006, p. 42). Ou seja, a modernidade contrapõe-se à cultura da Antiguidade e ao Cristianismo, afirmando uma outra moral.

O modernismo, por sua vez, inverte os eixos que coordenavam a modernidade, questionando a primazia do eu e da razão. Para Birman (2006), os profetas do modernismo foram Nietzsche, Marx e Freud, pois operaram a

---

<sup>8</sup> A discussão sobre modernidade e pós-modernidade no âmbito da psicanálise é aprofundada por Ana Paula Almeida, em *Os efeitos da pós-modernidade na subjetividade e na concepção do trabalho* (2012), monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais.

ruptura que anunciou o modernismo.<sup>9</sup> Se, por um lado, o eu perde a soberania que possuía, e a consciência passa a se constituir por um jogo de forças que a ultrapassa, por outro, o sujeito é atraído por tudo aquilo que se apresenta como novidade e que lhe abre outras possibilidades no mundo, e, assim,

a preocupação com a atualidade é o correlato, no sujeito, de um mundo em permanente processo de transformação, ou seja, é a descrição das mudanças contínuas que acontecem no mundo o que define a postura curiosa do sujeito em relação à atualidade. (Birman, 2006, p. 43)

Birman (2006) conclui que, se o discurso da ciência se funda na modernidade, a psicanálise é uma produção do modernismo, e “isso significa dizer que o modernismo é a consciência crítica da modernidade e até mesmo a sua autoconsciência” (p. 44), uma vez que a descoberta do inconsciente tem íntima relação com o descentramento do sujeito. É disso que se trata quando Freud anuncia que a pulsão não pode ser inteiramente domada, sendo os processos mentais inconscientes, e o ego só exerce o controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança, formulação que desferiu um dos mais severos golpes narcísicos da humanidade.

O modernismo é marcado pela fascinação do sujeito pela atualidade e pela transformação contínua que acontece no mundo, sendo atravessado pelos descentramentos, e é correlato ao enunciado de que “a produção fundamental da modernidade é o desamparo” (Birman, 2006, p. 47). O modernismo revela aquilo que estava oculto no projeto da modernidade, apontando, a partir de sua qualidade crítica, a dimensão problemática dessa época para a subjetividade. Birman (2006) acrescenta, portanto, que “o modernismo é um *sintoma* da modernidade, o que faz retornar de forma trágica o que esta quis recusar com as pretensões do sujeito de ser autônomo e soberano, isto é, autocentrado nos registros do eu e da consciência” (p. 47). O controle que fora prometido pela civilização escapa e aponta para os limites e impossibilidades com os quais o

---

<sup>9</sup> No campo econômico, Marx operou o descentramento da consciência e do eu em relação aos registros da economia e da política, sendo este representado pela luta de classes. Com Freud, o descentramento ocorreu em relação à sexualidade e pulsões, inscrevendo o eu em uma encruzilhada de forças provenientes do inconsciente. Já com Nietzsche, ressaltou-se que as verdades são produzidas pelas relações de forças existentes entre os homens, esvaziando assim a soberania do eu e da razão como seus fundamentos.

sujeito inserido na cultura vai se deparar ao longo da vida, fazendo-o reencontrar um estado de desprazer que para ele não é novo: o desamparo.

### **2.1 O desamparo e as ilusões modernas**

A problemática do desamparo pode ser considerada a marca decisiva da leitura de Freud acerca do sujeito inserido na modernidade, ressaltando a inevitável desarmonia dos laços sociais. O desamparo denuncia a posição trágica ocupada pelo sujeito no mundo moderno, fundado sobre a coerção, e sobre a renúncia das pulsões, que já se inicia com a criança em sua relação com os objetos de investimento de amor. Pode-se pensar que o curso a ser tomado pelo sujeito, diante do conflito entre a satisfação pulsional e as ordens da civilização, é definido pelas experiências da primeira infância.

O sujeito sai em busca de uma proteção contra seus temores, como as forças da natureza e, em particular, a morte. Freud (1927) lança seu olhar a um período da civilização anterior à modernidade para esclarecer que, diante de tais temores, as forças aterrorizantes foram humanizadas, e foi conferido a elas o caráter de um pai e, mais ainda, de deuses, que manteriam sua “tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs” (p. 26).

É possível observar que a riqueza das ideias criadas para tornar o desamparo tolerável é construída com o material das lembranças do desamparo próprio da infância, como explicita Freud (1927): “É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem que reconhecer — reação que é, exatamente, a formação da religião” (p. 33). Os motivos para a formação da religião, uma ilusão criada em nome da realização de um desejo, em uma tentativa de eliminar a angústia do desamparo, estão vinculados ao complexo paterno, desamparo infantil e necessidade de proteção do sujeito. Freud (1927) enuncia que, “já uma vez antes, nos encontramos em semelhante estado de desamparo: como crianças de tenra idade, em relação aos nossos pais.

Tínhamos razões para temê-los especialmente nosso pai; contudo, estávamos certos de sua proteção contra os perigos que conhecíamos” (p. 26).

Assim, a experiência do desamparo, capaz de reaparecer no campo social da vida adulta, possui um protótipo infantil e levanta a questão do pai, que, ao mesmo tempo que oferece proteção, se faz temido pelas interdições que enuncia. Na realidade, exige-se da criança uma renúncia pulsional, e, diante da angústia de castração, ela faz uma escolha em nome de ser aceita e amada pelo outro; no entanto, a situação a direciona novamente para o desamparo, uma vez que o outro não garante a completude de satisfação desejada.

Ao abordar o mal-estar presente na civilização, Freud (1930) enuncia que o sujeito está lançado em um mundo sem Deus, desprovido das proteções criadas em um tempo anterior à modernidade. Ele sustenta sua posição, na medida em que se opõe à possível existência de um “sentimento oceânico”, este que representaria uma sensação de “eternidade”, um “vínculo indissolúvel” entre o sujeito e o outro. Quanto à crítica freudiana, Massara (2010) afirma: “Ora, se o sentimento oceânico pode ser interpretado como uma pretendida regressão à plenitude narcísica do eu, sua contrapartida mais contundente parece ser revelada aqui, na experiência contumaz do desamparo” (p. 150). Nesse aspecto, os desencontros experimentados entre o sujeito e a alteridade, inerentes ao sujeito marcado pela castração, apontam para uma destruição radical da vivência narcísica, instaurada como desamparo. A fragilidade humana, subjetiva e corporal, a falta de garantia ante a força da natureza e do destino materializa a condição de desamparo, apresentada pela afirmativa freudiana de que “o eu não é o senhor de sua própria casa” (Freud, 1917, p. 153).

Em mundo já além do controle da razão e pretensões do eu, Freud (1930) admite que o bem-estar comum jamais pode ser encontrado de modo universal, uma vez que a economia pulsional, regida por um funcionamento estritamente particular, é o que proporciona esse estado. Mesmo as variadas formas de funcionamento para o controle social, inseridas pela modernidade, ante a presença da sexualidade e da agressividade, não se mostraram menos sacrificantes ao sujeito, nem suficientes para proteger o homem do desamparo.

Nesse sentido, Freud (1930) levantou a hipótese de a pulsão de morte desempenhar um domínio sobre a civilização, compreendendo a cultura como um conflito entre Eros e seu principal adversário, a agressividade. Além disso, pode-se pensar que a ação da pulsão de morte na modernidade atua de forma independente, seja o objetivo final a destruição, ou a construção de um ideal imposto pela época. Como acrescenta Menezes (2008), o impulso agressivo não é encontrado somente na destrutividade e no ódio, “mas também se expressa no ímpeto que o ser humano tem de controlar o meio ambiente, a tudo e a todos, seja pela tecnologia, pelo campo social, pela política ou pela estética” (p. 99).

A condição do sujeito em estado de desamparo frustra toda aspiração da civilização. A modernidade criou recursos para controlar os fenômenos que encaminhavam o sujeito ao desamparo, e, no entanto, a confiança depositada nesse mesmo projeto produz danos à subjetividade, propiciando um retorno ao desamparo, revelado de forma avassaladora nos dias atuais. No mundo contemporâneo, o sujeito é atravessado por um cenário propiciador de mal-estar, o qual irá direcionar o registro das novas modalidades de subjetividade. Esse panorama, responsável por introduzir novos elementos nas subjetividades, é assim descrito por Sigal (2000):

O consumo desenfreado, a vertiginosidade que se imprime ao tempo, que faz com que não seja possível suportar e sustentar projetos de longo prazo, o imediatismo que transforma a satisfação sem demora no *leitmotiv* do prazer cotidiano, a falta de solidariedade e utopias, a política de esgotamento rápido do objeto que, conseqüentemente, não deixa marcas e impede que o mundo interno seja povoado de conteúdos próprios; pelo imediatismo das satisfações cotidianas, a constante intervenção de uma mídia que provoca inermidade, promovendo uma passividade e transformando o sujeito em objeto, atacando os processos criativos e de pensamento; a corrupção social e o desemprego, que aprofundam o sentimento de desamparo e ruína e colocam o Eu em posição de falência. (p. 113)

O funcionamento desse cenário presente na cultura ocidental contemporânea acarreta uma série de conseqüências prejudiciais para a vida em sociedade, como a capacidade de potencializar a individualidade, fazendo com que a singularidade ceda espaço ao hegemônico. O apagamento das diferenças entre o sujeito e o outro provoca uma quase anulação da alteridade



e, conseqüentemente, dificulta a construção do laço social. Para Birman (2005), o oposto a isso seria a solidariedade, que implica o “correlato de relações inter-humanas fundamentadas na alteridade” (p. 25), no qual o sujeito reconhece o outro na diferença e singularidade, atributos da alteridade. Dessa forma, diante da ausência de projetos sociais compartilhados, proporcionados pelo laço social, as subjetividades são submetidas aos empobrecidos pactos sociais.

Se a construção do laço social é a instância que assegura a reunião e o compartilhamento entre os pares, na medida em que essa construção perde seu espaço no campo social, a agressividade surge como resposta diante da diferença. Sendo assim, quando não há disponibilidade para tratar das diferenças em nome de um bem-estar comum, a prática da violência, até mesmo de homicídios, aparece como solução de conflitos da vida cotidiana. Nessa realidade, o outro é eliminado com muita facilidade, caso se coloque como um obstáculo à frente da satisfação individual, e o que resta é uma vivência de desamparo caracterizada pela solidão. De acordo com Menezes (2008), “quando o encontro não acontece fica o desamparo com terror. O desamparo demanda continência, demanda uma construção a dois (bebê-mãe) na experiência, de modo que cada sujeito elabore os acontecimentos e altere a si mesmo” (p. 107). Nesse sentido, as formas de estar com o outro ganham contornos perturbadores, pois o sujeito se vê jogado em um vazio aterrorizante, sem referências subjetivas, no qual o excesso de liberdade permitida pelo funcionamento da sociedade encaminha o sujeito para o mal-estar.

Se, em tempos passados, a segurança portava um alto valor, e sua ameaça significava um problema para os construtores da ordem, na atualidade, a liberdade individual ganha soberania. Invertendo a lógica passada, o sujeito troca a possibilidade de segurança pela vivência de um ideal de felicidade. As inversões apresentadas atualmente não significam um avanço na busca da felicidade, que, como aponta Bauman (1998), “só parece ser tal no momento em que se está fazendo. A reavaliação de todos os valores é um momento feliz, estimulante, mas os valores reavaliados não garantem necessariamente um estado de satisfação” (p. 10). Em conseqüência, o mal-estar atual surge da experiência da liberdade em busca de um prazer desregulado, que oferece

uma segurança individual insuficiente. A desregulamentação, como aponta Bauman (1998), é marca da atualidade, na qual “o princípio de realidade, hoje, tem de defender no tribunal de justiça onde o princípio de prazer é o juiz que a está presidindo” (p. 8).

O desamparo é aumentado quando se conjuga ao fim das utopias, à escolha por uma precária segurança e à vivência de uma liberdade sem limites. Em uma sociedade de funcionamento narcísico, da cultura do espetáculo, na qual a autoexibição se transforma no lema essencial da existência, passa a ser insuportável para o sujeito deixar escancarar a própria fragilidade, finitude e mortalidade, ou seja, a face do desamparo, e a partir daí empreende-se uma busca desesperada por artifícios capazes de tamponar o horror de ser castrado. O excesso de ordem e falta de liberdade, motivo de orgulho da modernidade, é, ao mesmo tempo, fonte de mal-estar. Diante disso, a humanidade não passa pela vida, que se apresenta penosa demais, sem contar com algumas medidas auxiliares, como aponta Freud (1930), “derivativos poderosos, que nos faz extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que as diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela” (p. 83). Entretanto, os efeitos são ilusórios, no sentido de que o desamparo não é eliminado, e o sujeito, cedo ou tarde, terá um novo encontro com suas limitações e frustrações diante de uma realidade que reaparecerá impiedosamente, como assinala Freud (1930):

Provindo de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. (p. 85)

Freud (1930) já anunciara que o risco de buscar “uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se-nos como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo” (p. 85). Ao não encontrar o limite durante a busca da satisfação, o sujeito aproxima-se da morte, como aponta o próprio funcionamento da pulsão de morte, que sempre tende a esvaziar a energia presente no aparelho psíquico, até encontrar o estado

inorgânico. O imperativo: “goze!”, endereçado à massa contemporânea, é maquiado por uma falsa sensação de liberdade, e impõe, de forma tirânica e caprichosa, as frágeis formas de construção do laço social.

## 2.2 A subjetividade contemporânea e a negação do desamparo

Além da imensidão de influências transmitidas pelo mundo externo, o sujeito está imerso em um mundo pulsional, no qual a sexualidade infantil e o traumático estão sempre operando. Para problematizar a posição do sujeito atravessado pelos elementos de ordem interna e externa, Schwartzman (2004) enfatiza o papel da cultura em promover, além da contenção, o apontamento para as formas possíveis de escoamento pulsional. A dificuldade encontrada pelo pulsional em ser escoado ou direcionado pela via da palavra ou da fantasia é o que caracteriza as patologias contemporâneas, ou seja, as produções psicopatológicas atuais se manifestam fora da possibilidade de construção representativa.<sup>10</sup>

Se, em um momento anterior à modernidade, o homem lançava mão de criações míticas, deuses, entre outras produções; na atualidade, a ciência, assim como a mídia, lança os objetos capazes de produzir a ilusória solução para o desamparo. O empobrecimento do trabalho subjetivo na atualidade aponta para um fracasso da simbolização, resultando no aumento do exibicionismo que privilegia a imagem, concebendo, assim, a economia do sujeito na sociedade do espetáculo. Pode-se pensar que a imagem obtém força para capturar o olhar do outro, fazendo com que o sujeito ganhe em exterioridade, em detrimento da subjetividade. O panorama das psicopatologias atuais, caracterizado pelo fracasso da simbolização nas soluções subjetivas

---

<sup>10</sup> Entre as principais psicopatologias atuais apontadas por Schwartzman (2004), encontramos: os *transtornos psicossomáticos* que apontam para um adoecimento no corpo, no qual se evidencia a presença da vida psíquica, porém esquecida; a *síndrome do pânico*, que acomete o sujeito em crises agudas, provocando uma série de penosas sensações corporais, medo de morrer e possíveis fobias decorrentes da apreensão de o quadro se repetir, no entanto, o sujeito não consegue lançar voo a uma possível elaboração; os *transtornos alimentares*, como a anorexia e bulimia, que privilegia o corpo para tratar das questões em relação ao outro; as *toxicomanias*, nas quais o sujeito faz uso abusivo e compulsivo de substâncias tóxicas a fim de se anestesiar das dores da existência; as outras *adicções* que envolvem um excesso a certos usos e práticas, portanto o mesmo movimento compulsivo das toxicomanias, como modo de satisfação; a *depressão* no quadro das novas psicopatologias, que expressa um recolhimento e um empobrecimento generalizado diante da vida.

atuais, também caminha paralelo à oferta exagerada de psicofármacos. Considerando que a cultura do narcisismo não permite que o sofrimento apareça para o sujeito, e menos ainda para o outro, e como ninguém quer ser lançado no limbo da cena social, Birman (2006) afirma que, “para os ferrados que não conseguem dizer ‘cheguei’ de peito inflado, a fórmula mágica é a alquimia, para mudar a circulação dos humores” (p. 191). Sob o efeito inebriante do tóxico, as individualidades passam a possuir brilho diante do olhar do outro, mascarando o sofrimento e o reconhecimento de um desamparo que é universal.

Em contrapartida às soluções anestésiantes, a simbolização impõe trabalho ao aparelho psíquico, como descreve Sigal (2000):

a simbolização pressupõe deslocamento, união para a criação de algo novo, fundamentalmente ligação, seja de duas representações entre si ou de uma representação com um afeto. A simbolização pressupõe igualmente substituição e permite a elaboração e equivalência. Quando a simbolização falha, algo que deveria ter sido transformado, derivado, reaparece em seu estado arcaico, primitivo, puro. (p. 114)

Diante de uma tensão intrapsíquica, o trabalho do aparelho psíquico pode falhar, e isso significa que não foi possível operar a simbolização, ou seja, não houve ligação entre representações atuais e recalçadas, o que impossibilita a reorganização psíquica. O sintoma psiconeurótico exige o funcionamento do simbólico, pois a representação atual evoca e se liga às representações antigas recalçadas. Nesse sentido, pode-se entender que há um movimento pela organização da subjetividade, regido pela pulsão de vida. No movimento contrário, que tende para a desorganização subjetiva, a pulsão de morte é que toma a direção. A partir daí, elementos que deveriam estar sob o efeito do recalque emergem sem a mediação da palavra ou da fantasia, se anunciam por meio do adoecimento no corpo, e até mesmo de um ato. Nesse sentido, algumas respostas subjetivas contemporâneas são o produto do desamparo do sujeito diante da impossibilidade de simbolização do pulsional.

Tais destinos pulsionais seguem para além do Princípio de Prazer, pois a pressão das excitações é escoada ou represada de maneira inferior ao processo de vinculação e produção de representação subjetiva. Para

Schwartzman (2004), “a eclosão do movimento em direção à desorganização é entendida como decorrente de um trauma” (p. 137). A palavra é capaz de realizar ligações, mediante a simbolização, fazendo com que a pulsão seja direcionada e afastando o estado de desamparo, em um curso metonímico ou metafórico que constitui o sintoma. Em contrapartida, a pulsão de morte se apresenta como aquela incapaz de representação, estando fora de um circuito de satisfação mediado por um objeto, e esse funcionamento apresenta o cenário esclarecedor da posição do sujeito em estado de desamparo. Quanto à pulsão de morte, Birman (2005) enfatiza que

o que caracteriza esta pulsão seria sua ação não-discursiva, sua dimensão de silêncio. Com efeito, não obstante a estridência de seus ruídos e de seu potencial de destruição, a pulsão de morte não se articula no registro da linguagem. Isso nada impede que a linguagem seja a condição de possibilidade das simbolizações para o sujeito, justamente para que possa realizar o domínio dos efeitos mortíferos da pulsão de morte. (p. 41)

Nesse ponto, é possível pensar que o funcionamento da contemporaneidade contribui para que algo de uma rede de proteção para o sujeito seja levado ao fracasso, no qual a participação do outro é imprescindível. Além disso, a falta de espaço e respeito pela singularidade não lança oportunidades para que o sujeito construa suas próprias elaborações sobre seu sofrimento. A pobreza subjetiva produzida pelo contemporâneo arremessa o sujeito a um estado de desamparo avassalador.

A psicanálise trabalhará na fronteira entre a particularidade do sujeito e o desamparo, pois só assim ele poderá traçar uma trajetória de vida que não busca a ilusória eliminação do desamparo, mas um manejo possível do estado de desamparo, que seja a favor da vida. Para isso, faz-se necessário reconhecer, como aponta Pereira (2008), que

A condição de impossibilidade de tudo representar não é contingente. Ela é antes, o horizonte fundamental do funcionamento psíquico, à medida que a palavra e a representação em geral não podem dar conta de tudo [*par*]. O desamparo não se funda sobre o acidental do evento, mas sobre a fragilidade própria à linguagem enquanto esta é falta de garantias últimas e definitivas. (p. 201)

Assim, é possível compreender a permanência do desamparo nas experiências do sujeito ao longo da vida. Os registros históricos apontam que a humanidade sempre tentou se desviar do desamparo, mas as soluções apresentadas na atualidade têm a característica de apagar as particularidades do sujeito. Conclui-se que o mal-estar provocado pela desregulamentação e excesso de liberdade individual, além do excesso pulsional sem possibilidade de subjetivação, não é apaziguado pela modernidade. Pelo contrário, o estado de desamparo caminha junto às transformações que remodelam o cenário social e se altera a partir do funcionamento de cada época.

### CAPÍTULO 3

#### O desamparo e o ato infracional do sujeito adolescente

Quando se escuta, por meio do trabalho das políticas públicas, os adolescentes envolvidos com a criminalidade, percebe-se que o ato infracional denuncia um sofrimento. Em meio à dificuldade com as palavras, o adolescente aos poucos revela a precariedade familiar, comunitária e principalmente subjetiva. Alguns fatores são comuns entre autores de ato infracional, como a pobreza, o fracasso escolar, a falta de oportunidade para a profissionalização, o uso de drogas e o desarranjo familiar. Entre os atos infracionais praticados, o envolvimento com o tráfico de drogas ganha destaque nos últimos anos, sendo que autores e vítimas compõem uma trama cuja maioria são jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 e 24 anos (Soares, 2004). Esse contexto produz uma violência com proporções de uma verdadeira guerra, sendo retratada por Soares (2004) como:

fratricida e autofágica, na qual meninos sem perspectiva e esperança, recrutados pelo tráfico de armas e drogas (e por outras dinâmicas criminais), matam seus irmãos, condenando-se, também eles, a uma provável morte violenta e precoce, no círculo vicioso da tragédia. (pp. 130-131)

Para além dos fatores de cunho sociológico que contribuem para a proliferação dessas organizações do tráfico, voltaremos o olhar para o que acontece com o adolescente da perspectiva de seu funcionamento psíquico. Ao se inserirem em uma gangue, esses adolescentes passam a ter um intenso envolvimento com essa organização, que oferece almejadas gratificações: o pertencimento a um grupo, poder, visibilidade, conquistas amorosas, e principalmente uma posição em uma hierarquia que em nenhum momento pode ser esquecida.

Sabemos que o desamparo acompanha o sujeito desde os tempos iniciais da vida, momentos marcados pela fragilidade biológica e subjetiva, até um momento de maior maturidade, quando o sujeito se encontra às voltas com os impasses que a cultura lhe impõe. Cada época da história apresenta um leque de exigências diferenciadas, e o sujeito precisa conseguir recursos para lidar com isso.

Na atualidade, o cenário social pressiona por um hedonismo, pelo imediatismo das satisfações, consumismo desenfreado, e aponta, principalmente, para a fragilidade do laço social, que acaba por resultar um aumento do desamparo. A exacerbação do individualismo, a tentativa de anulação da alteridade e a desvalorização do singular de cada sujeito revelam o privilégio da posição masoquista, na qual o sujeito, a fim de evitar o encontro com o desamparo, paga um alto preço ao se colocar como servo do outro.

Neste ponto do trabalho, apresentaremos a vivência do sujeito que se encontra na travessia da adolescência e responde ao desamparo com o ato infracional. É importante considerar a relação entre o desamparo e a fragilidade dos laços sociais e afetivos contemporâneos, assim como o período de vida em que eles se encontram, a adolescência. Se, no passado, os adolescentes contavam com os referenciais da religião, família e instituições, atualmente, eles se encontram em um estado de vulnerabilidade resultante da falta de referências que possam orientá-los diante do empuxo ao discurso capitalista. Diante disso, alguns adolescentes podem recorrer às ofertas lançadas pela criminalidade que prometem garantia de amparo aos impasses que os atormentam nessa fase da vida.

### **3.1 O desamparo do sujeito adolescente**

A noção de desamparo está articulada às possibilidades e limites da dinâmica de simbolização, ou seja, de representação da força pulsional, que se vincula, na teoria psicanalítica, de maneira intrínseca, à ideia de “insuficiência” (Savietto & Cardoso, 2006, p. 24). Desde o desamparo inaugural, o que está em jogo é a insuficiência do aparelho psíquico em dar conta do excesso de excitação, e, nesse sentido, a questão do desamparo ganha proporção ressaltada no momento da adolescência, devido à repetição dessa experiência, marcada por profundas ressignificações simbólicas que contribuem para rupturas e crises. A adolescência é uma fase em que o sujeito possui o corpo pronto para o amor, o sexo, o trabalho, porém ainda não há autorização para fazê-los. Existe um tempo de suspensão entre a maturação do corpo e a possibilidade de realizar as exigências apresentadas pela sociedade, e esse tempo de suspensão é a adolescência. Esse fenômeno é uma produção



contemporânea, quando essa espera se instaura, se prolonga e se define, enfim, como mais uma idade da vida.

Ao abordar o campo em que a adolescência é delimitada, a psicanálise irá tratar como puberdade este momento da vida do sujeito, no qual a subjetividade é marcada a partir das transformações do corpo biológico, que vai se preparando para o ato sexual. Como aponta Freud (1905), o corpo anuncia essa passagem da vida para a puberdade a partir de três tipos de excitações: advindas do mundo externo, por intermédio da excitação das zonas erógenas; do mundo orgânico interno; e da “vida psíquica”. Alberti (2009) ressalta que, ao incluir essa terceira excitação, Freud demonstra o quanto este aspecto era por ele privilegiado. E, nesse sentido, a puberdade reativa as fantasias trazidas da infância, relacionadas inicialmente à cena familiar e ao Édipo, para que, a partir delas, o sujeito adolescente consiga avançar em suas experiências amorosas. Freud (1905) aponta esse processo na seguinte passagem:

Contemporaneamente à subjugação e ao repúdio dessas fantasias claramente incestuosas consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha gerações. (p. 214)

Como podemos observar na citação, para Freud, o ponto principal da adolescência é o desligamento da autoridade dos pais. A psicanálise aponta que na puberdade há uma passagem da sexualidade infantil para a genitalidade, e, assim, o conflito original será reativado, uma vez que acontece a reatualização da organização pré-genital e do Édipo. A separação dos pais já tem início antes da latência, período em que a criança aprende a amar outros objetos que a ajudam em seu desamparo, e essa possibilidade de endereçar o amor a outras pessoas confirma que houve a incorporação dos pais por meio da identificação, sendo isso o que irá integrar o supereu, “herdeiro do complexo de Édipo”. O sofrimento do adolescente começaria a partir do que está em jogo no desligamento da autoridade dos pais, como pontua Alberti (2009):

A dificuldade do adolescente dependeria então da própria ferocidade desse supereu, o qual, quanto mais terrível é, mais aumenta a dificuldade do sujeito, seus conflitos, sobretudo no que diz respeito ao campo da sexualidade, ou seja, ao campo do desejo, que sempre é, de uma forma ou de outra, sexual. (p. 37)

Na infância, a angústia estava relacionada ao medo de separar-se do objeto que o amparou, e, nesse sentido, Freud (1905) pontua que, por esse motivo, as crianças se angustiam diante de qualquer estranho, “temem a escuridão porque nesta, não vêem a pessoa amada, e se deixam acalmar quando podem segurar-lhe a mão na obscuridade” (p. 212). Já a angústia que provém da puberdade traz como marca a transformação no corpo, que passa a ser um estranho para o sujeito, e que pode trazer o desamparo na medida em que, “diante da ativação de novos aspectos pulsionais provocada pela genitalização do corpo do adolescente, este se sente transbordado, inundado pela excitação dessa nova pulsionalidade que ainda não é capaz de dominar” (Savietto & Cardoso, 2006, p. 26). Na descrição de Calligaris (2011),

O adolescente se olha no espelho e se acha diferente. Constata facilmente que perdeu aquela graça infantil que, em nossa cultura, parece garantir o amor incondicional dos adultos, sua proteção e solicitude imediatas. Essa segurança perdida deveria ser compensada por um novo olhar dos mesmos adultos que reconhecesse a imagem púbere como sendo a figura de outro adulto, seu par iminente. Ora, esse olhar falha: o adolescente perde (ou, para crescer, renuncia) a segurança do amor que era garantido à criança, sem ganhar em troca outra forma de reconhecimento que lhe pareceria, nessa altura, devido. (p. 24)

Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não se faz presente, o adolescente encontra um vazio, e sofre por não saber como fazer com um corpo apresentado ao social já maduro. Para Gontijo (2008), o adolescente se define principalmente pelas marcas de seu comportamento paradoxal, suas aparentes contradições, reflexos de uma tentativa de reinscrição no circuito simbólico, a partir dos deslocamentos da imagem corporal e do campo pulsional. O corpo, que acabara de ser genitalizado, exige a capacidade de organizar os novos e violentos arranjos pulsionais, num descompasso entre corpo e subjetividade, que não é passível de ser totalmente simbolizado, representado e, conseqüentemente, ascende à ameaça do desamparo. O adolescente fica de fato “sem palavras”, tal como aponta Alberti (2009), e essa

condição de falta de representação, predispõe a resposta pelo ato, muitas vezes um ato que excede os limites da lei e se torna infracional.

### **3.2 O ato infracional como resposta ao desamparo no mundo contemporâneo**

A força do reencontro com o desamparo na adolescência ganha proporções ainda maiores no contexto sociocultural da atualidade. No passado, o adolescente contava com auxílios, como os ritos de passagem, que marcavam a entrada na adolescência, sustentando uma eficácia simbólica. Alberti (2009) explicita que o rito de passagem funciona como um reforço do complexo de Édipo e, conseqüentemente, do complexo de castração. Esse processo traz em si um esforço de simbolização, que acontece através de um ritual, como, por exemplo, quando o adolescente passava por uma humilhação, um corte ou uma prova de força, confirmando no corpo a existência da castração. Alberti (2009) chama a atenção para o fato de que, quanto maior a observância da cultura e da tradição, maior será a eficácia simbólica, e, assim, “prepara o indivíduo para participar do sistema social comunitário e civilizatório, em que deve exercer determinadas funções, de preferência produtivas” (Alberti, 2009, p. 199).

Já no mundo contemporâneo, o estado de desamparo tende a se impor ao sujeito de forma avassaladora, pois há uma fragilidade da ordem simbólica oferecida pelos empobrecidos referenciais, que tornam a possibilidade de mediação fracassada. Esse fato pode ser problematizado a partir da noção de família, que já foi sustentada por uma autoridade patriarcal, pelo casamento e por valores que exigiam respeito às hierarquias. Na família contemporânea, a transmissão da autoridade não acontece de forma tão efetiva quanto anteriormente, uma vez que o divórcio, separações e recomposições conjugais têm aumentado. Roudinesco (2003), ao teorizar a respeito da atual condição da família em desordem, aponta para a crise da autoridade na sociedade ocidental e “do grande cemitério de referências patriárquicas desafetadas que são o exército, a Igreja, a nação, a pátria e o partido” (p. 199).

Diante da falta de referenciais que um dia contribuíram para a travessia da adolescência, o sujeito sofre com as conseqüências de um resto pulsional

que não é capaz de ser simbolizado, provocando o encontro com o desamparo, o que pode resultar em atos que seguem na contramão da sociedade. A sociedade do consumo e da imagem não contribui para que o adolescente encontre referenciais capazes de ajudá-lo no processo de simbolização.

Nesse contexto, pode-se problematizar a invisibilidade sofrida por alguns jovens, questão relacionada à cultura do espetáculo e da imagem. Para Soares (2004), a invisibilidade pode decorrer do preconceito e do estigma, que, quando projetados sobre a pessoa, anulam sua singularidade. Quem está ali é o “moleque perigoso” ou a “menina perdida”, cujo comportamento passa a ser previsível, aniquilando o sujeito, pois o substitui por uma imagem caricata. Outra forma de provocar a invisibilidade é a indiferença do olhar do outro a esses jovens. Diante disso, é lançada a questão: O que significa para um adolescente esse não reconhecimento, essa recusa de acolhimento por parte de quem olha e não vê?

Essa invisibilidade poderá ter início nas relações parentais, quando a própria família exclui o adolescente, devido a uma disfunção na sua estrutura de funcionamento. Alguns fatores, como a violência, o desemprego, a toxicomania, o declínio da paternidade e a ausência de adultos responsáveis pelo amparo, fragilizam a estrutura de transmissão dos valores da cultura no seio da família. Nesse contexto, o adolescente, ao reencontrar na puberdade as questões referentes ao infantil, desejará o amor como prêmio, ante a renúncia regulada pelo supereu. Entretanto, devido à singularidade desse funcionamento familiar, algo dessa transmissão pode falhar, e o adolescente buscará pelo almejado prêmio em outros campos, podendo ser no grupo infrator. O sujeito não obedecerá ao que seria uma exigência coletiva, mas obedecerá cegamente à outra lei, a lei da infração, pois por meio do ato infracional recebe a aprovação do outro.

O adolescente, nessa passagem de invisível para visível, na qual o convite feito pela criminalidade fora aceito, adquire, de forma instantânea, os objetos que lhe possibilitam acessar o olhar do outro. Pode-se ilustrar com a impactante descrição de Soares (2004):

Um dia, um traficante dá a um desses meninos uma arma. (...) Vamos imaginar como seria a cena original, a primeira experiência de um jovem com a arma diante de um desconhecido, num pedaço sombrio da cidade. A mão ainda vacilante, trêmula, a respiração embolada, o espírito hesitante. Quando nos ameaça na esquina, pela primeira vez, o menino não aponta para nós sua arma do alto de sua arrogância onipotente e cruel, mas do fundo de sua impotência mais desesperada. O bandido, o bandido frio e brutal, o profissional do crime, não existe. Pelo menos, não existe ainda. Na esquina, apontando-nos a arma, o menino lança a nós um grito de socorro, um pedido de reconhecimento e valorização. (p. 141)

Ao encontrar a autoridade a quem irá obedecer, o adolescente coloca-se numa posição comum nos dias atuais, a posição masoquista, que atravessa o processo de construção do laço social. A posição masoquista para Birman (2005) tem a função de proteger as individualidades do horror e do desamparo, de forma que, frente à iminência de reviver o estado de desamparo, o sujeito se coloca como “escravo” do outro, em troca de uma garantia de segurança ilusória. Nessa posição, o sujeito se entrega ao outro na seguinte lógica: “você me protege do desamparo e em troca eu me submeto a qualquer coisa” (Menezes, 2008, p. 111). No pacto masoquista, ambos procuram evitar o confronto com a condição do desamparo, de maneira que um busca livrar-se dela pagando qualquer preço, enquanto que o outro acredita “dominá-la” às custas de gozar com o terror alheio. Na posição masoquista, o sujeito se agarra e se cola a um outro, oferecendo a este, em contrapartida, seu corpo como objeto de gozo, para assim evitar, custe o que custar, a trágica experiência do desamparo.

Pode-se considerar que o masoquismo se opõe à angústia, já que este é o afeto que acompanha o desamparo, e é apontado por Freud (1926) como protótipo de toda situação traumática. Como exposto anteriormente neste trabalho, a angústia é o afeto que sinaliza a aproximação do desamparo, em um momento em que não é possível dominar a carga de excitação, na qual o sujeito se encontra inundado. Em uma tentativa de afastar a angústia, na posição masoquista, o sujeito busca um senhor e um mestre para se colar e se fundir com o intuito de evitar a dor do desamparo, mesmo que para isso se transforme em um escravo do outro. Essa posição masoquista ressalta as marcas de uma sociedade pós-moderna, pois, diante do desamparo, o ser humano recorda sua finitude, fragilidade e a impossibilidade de um encontro

perfeito com a alteridade. Essas duras constatações vão contra os imperativos atuais, que exigem que se sustente uma imagem que não falha, que, ao contrário, “brilha” a partir do que parece ser e elimina qualquer tipo de dependência da alteridade.

Nesse sentido, a cultura do narcisismo enfraquece a disposição do sujeito do investimento libidinal na construção do laço social, e a autonomia conquistada é ilusória, a constituição subjetiva é feita a partir da participação da alteridade. Como trabalhado anteriormente, desde tempos remotos, o desamparo convoca a participação do outro na vida do sujeito, sendo responsável pela humanização do recém-nascido, a partir de uma participação ativa:

O investimento simbólico e narcísico realizado pela função materna é decisivo para este processo de humanização e, portanto, de percepção do desamparo em sua dimensão negativa. A mãe contém, coloca os limites para conter o excesso que é a vida bruta, criando, assim, a vida humana – pólo positivo do desamparo. (Guerra, 2008, p. 76)

O sujeito, ao tentar livrar-se do encontro com a alteridade, tenta também apagar a própria história que é singular, e que aponta para seus limites enquanto um ser que necessitou de um outro para se fazer humano. Nesse sentido, o sujeito encontra a ilusória liberdade, mas, ao mesmo tempo, fica submetido aos mandamentos de ideais lançados à massa, como, por exemplo, os meios de comunicação, os quais lhe impõem a forma de ser e estar na cena social. Para Lima (2003),

O sujeito fica submetido a esses ideais narcísicos impostos pela cultura do consumo. Na verdade, o poder da mídia existe porque o sujeito atribui a ela esse poder, em função de sua carência simbólica, ou seja, diante de sua precária consistência subjetiva. Por outro lado, sua onipotência estrutural narcísica é exacerbada nessa cultura, que o mantém numa eterna ilusão de alcançar sua plenitude de satisfação, buscando tamponar sua falta constitutiva. O sujeito, portanto, é afetado na sua posição subjetiva pelas práticas de sua cultura e do seu tempo, que vão aparecer nos diversos sintomas sociais. (p. 70)

Esse ponto se aproxima da discussão acerca dos adolescentes envolvidos com a criminalidade, mas, nesse caso, pode-se pensar que o tráfico de drogas é a instância responsável por lançar os ideais, com a força de um imperativo capaz de apagar o sujeito e o reconhecimento da alteridade. Da mesma forma que é preciso buscar o olhar do outro, e desfazer a invisibilidade, o sujeito é acometido por uma marca atual: não é possível escancarar a falta, e o tráfico oferece contribuições para que isso aconteça ilusoriamente. O tráfico de drogas lança ofertas para os jovens, como o *status* dentro da comunidade, que representa reconhecimento, ou seja, visibilidade e poder, porém, mais adiante, essa inclusão revela portar um alto preço. Sem a mediação da palavra, alguns adolescentes expõem o próprio corpo na resolução de conflitos, que poderão ocorrer de forma radical em função da posição caprichosa de algumas lideranças, como esclarece Zilli (2004):

por se tratar de uma atividade ilegal que não possui qualquer instância constituída de mediação de conflitos, o tráfico de drogas traz consigo verdadeiras guerras entre os grupos envolvidos em sua lida. Dentro das próprias quadrilhas, qualquer desvio de conduta é punido com muita brutalidade e, às vezes, até mesmo a morte. (p. 43)

No contexto da criminalidade, também encontramos o parceiro do masoquista na figura de uma individualidade caracterizada pelo autocentramento e pelo narcisismo, e que acredita em sua autossuficiência. Essa modalidade de subjetividade é eminentemente perversa, tal como aponta Birman (2005), e o sujeito na posição perversa é o contraponto que se enlaça necessariamente na oferta masoquista, oferecendo ao masoquista a proteção que demanda para seu desamparo. No entanto, sempre que algo da diferença aparecer, o perverso se sentirá ameaçado em seu ser e colocará em ação procedimentos de aniquilamento do outro, para manter a confortável segurança narcísica do seu ser.

Essa forma de laço estabelecida entre o sujeito em uma posição masoquista, e outro em posição perversa, corresponde às formas de laços estabelecidas no tráfico de drogas, que tende a eliminar a alteridade. A homogeneidade presente nessa lógica pode ser percebida no termo utilizado pelos adolescentes: “cola”. Ao descreverem suas relações com os pares, é

frequente a utilização do termo “colar”, que faz a liga dos laços construídos entre eles. Quando colados, esses jovens não encontram um espaço vazio para emergência da angústia e, conseqüentemente, não têm acesso ao próprio desejo, tecendo o cotidiano de forma a se manterem “juntos e embolados”, ou seja, indiferenciados, massificados. Entretanto, quando algo do sujeito escapa, o homicídio poderá ser a forma de solucionar a diferença posta pela alteridade, em detrimento do recurso da palavra.

Pode-se pensar no paradoxo presente nesse cenário, pois se, de um lado, existe uma tentativa de visibilidade por meio de ato infracional, de outro, o adolescente se submete à ordem perversa mediada pela liderança do tráfico, que busca a todo preço sobrepor-se a qualquer singularidade. Diante disso, lança-se a questão: É possível conquistar reconhecimento onde não há espaço para a singularidade? O assujeitamento ao outro é capaz de tratar o desamparo?

Em busca de reconhecimento enquanto sujeito, o adolescente poderá reincidir, repetir o ato até a possibilidade do encontro com um outro que suporte a singularidade, até mesmo do seu ato infracional. A aposta é que, por meio da palavra, o sujeito encontre a possibilidade de elaborar algo que estava sofrido demais e perceba que o desamparo não pode ser eliminado, mas, sim, gerenciado a favor da vida.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrerem-se diferentes campos nos quais a noção de *Hilfflosigkeit* se faz presente, pode-se dizer que a problemática do desamparo na obra de Freud possui duas perspectivas: o desamparo original estruturante do psiquismo, que diz de um lugar infantil e da sexualidade traumática vinda da mãe; e o desamparo que diz da falta de garantias do sujeito sobre o sua experiência de existir e sobre o seu futuro, que é forçado a renunciar à satisfação pulsional como condição para viver em sociedade. Nessa conjuntura, Freud aponta que a *Hilfflosigkeit* está no fundamento do sujeito, de forma que a posição deste é necessariamente submetida à condição de desamparo, que diz respeito ao estado de insuficiência, de finitude, do imprevisível no encontro com a alteridade e do inominável do resto pulsional.

Para conseguir viver, as pessoas criam alternativas para enfrentar a *Hilfflosigkeit*, buscando um caminho para o desamparo, podendo ser caminhos a favor da vida ou funestos. A vivência do desamparo ganha contornos definidos pelo funcionamento de cada época, podendo ser potencializada, como acontece na atualidade, tempo que desfaz os referenciais que proporcionavam segurança ao sujeito. O excesso de liberdade, a exterioridade em detrimento da interioridade desencadeia uma pobreza simbólica que afeta as subjetividades atuais.

Assim, o sujeito se caracteriza por uma fragilidade estrutural. Mas essa fragilidade inerente ao ser humano pode ser engrandecida pela experiência de vida de alguns sujeitos, como o adolescente que porta um sofrimento de origem social, familiar e subjetiva, e o denuncia por meio do ato infracional. Alberti (2009) enfatiza a “tendência ao agir” do adolescente, mas pode-se pensar que, no caso dos adolescentes envolvidos com a prática infracional, os efeitos de suas ações excedem as contravenções esperadas neste período de vida. A discussão acerca dos adolescentes em conflito com a lei aponta para as articulações entre o que se estabelece na história particular e as experiências vividas no campo social. A prática de escuta desses jovens aponta para um ambiente familiar em que o excesso e a ausência predominam,

acarretando a precariedade da oferta de recursos a partir de traumáticas experiências do adolescente na lógica do encontro com os cuidadores.

Pode-se pensar que, na mesma lógica que alguns pais podem não oferecer o suporte necessário para a troca libidinal, o funcionamento da própria sociedade também contribui para o descuido dos adolescentes, que oferece a liberdade para vivenciar o prazer de forma desmedida, além da falta de limites. Nesse sentido, o laço com o outro só é sustentado na medida em que proporciona prazer; do contrário, o encontro passa a ser frágil, trazendo como marcas a violência e a prática da destrutividade. Outro fato presente na vida desse sujeito em conflito com a lei é o processo de adolecer, que já é necessariamente traumático, devido às transformações que a puberdade inscreve no corpo e na mudança dos investimentos pulsionais.

Decorrido este estudo, pode-se levantar a hipótese de que o ato infracional na adolescência denuncia um estado de desamparo, de origem das falhas no exercício do cuidado por parte do outro, a dor do adolecer e dos empuxos a uma lógica de sociedade que privilegia a imagem, tornando os adolescentes invisíveis. Diante disso, a contribuição da psicanálise passa pela possibilidade de trabalho que envolve a responsabilização do adolescente pelo ato praticado. Isso só poderá ser feito pelo convite à palavra, que poderá abrir um novo destino ao desamparo, que é irremediável; porém, a aposta é que possa ser gerenciado sempre a favor da vida.

## REFERÊNCIAS

Alberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contra Capa.

Bauman, Z. (1998). O mal-estar da pós-modernidade. (M. Gama e C. M. Gama, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Gontijo, T. (2008). *Liberdade Assistida: uma medida*. (C. Barreto e M. Brandão, Orgs.). Belo Horizonte: PBH/SMAAS.

Birman, J. (2005). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Calligaris, C. (2011). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha (Folha Explica).

Freud, S. (1996). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]); Vol. I.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905); Vol. VII.

\_\_\_\_\_. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917); Vol. XVII.

\_\_\_\_\_. Inibições, Sintomas e Ansiedade (1926 [1925]); Vol. XX.

\_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão (1927); Vol. XXI.

\_\_\_\_\_. O Mal-estar na civilização (1930 [1929]); Vol. XXI.

Freud, S. (2007). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hanns, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. Pulsões e destinos das pulsões (1915); Vol. 1.

\_\_\_\_\_. Além do princípio de prazer (1920); Vol. 2.

\_\_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo (1924); Vol. 3.

Gabbi Jr., O. F. (2003). *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

Guerra, A. M. C. et al. (2008). *A construção do laço social de jovens moradores de territórios com alto índice de criminalidade violenta*. Belo Horizonte: FAPEMIG (Projeto de Pesquisa).

Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1994). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Lima, N. L. (2003). *Fascínio e Alienação no ciberespaço*. Belo Horizonte: FAE/UFMG.

Massara, G. R. (2010). *O estético e o ético na psicanálise: Freud, o sublime e a sublimação*. Tese de Doutorado, Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Menezes, L. S. (2008). *Desamparo* (Coleção clínica psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Pereira, M. E. C. (2008). *Pânico e Desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta.

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Savietto, B. & Cardoso, M. (2006). Adolescência: ato e atualidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 6(1), 15-43.

Schwartzman, S. R. (2004). O conceito de recalçamento e a busca de uma metapsicologia para as novas patologias. In M. R. Cardoso (Org.). *Limites*. São Paulo: Escuta.

Sigal, A. M. (2000). O arcaico nas patologias contemporâneas. Considerações sobre o pânico. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 4(4), 112-118.

Soares, L. E. (2004). Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In R. Novaes & P. Vannuchi (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo.

Zilli, F. (2004). *Violência e criminalidade em vilas e favelas dos grandes centros urbanos: um estudo de caso da Pedreira Prado Lopes*. Dissertação, Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.